

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
26 e 31 de Março de 2022
JEAN-DANIEL POLLET, A MATÉRIA DO MUNDO

DIEU SAIT QUOI / 1993

Um filme de Jean-Daniel Pollet

Argumento: Jean-Daniel Pollet, baseado na obra de Francis Ponge / *Diretor de Fotografia (cor):* Pascal Poucet / *Música:* Antoine Duhamel / *Montagem:* Françoise Geissler / *Som:* Antoine Ouvrier / *Narração:* Michael Lonsdale.

Produção: Films 18 e Ilios Films (Paris) / *Cópia:* dcp, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 88 minutos / *Estreia mundial:* Janeiro de 1997 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 19 de Novembro de 1997, no âmbito dos "Encontros com o Cinema Documental", em duplo programa com **Samma na Aji**/"O Gosto do Saké" (1962), de Yasujiro Ozu.

*"Procura a ordem que vês na pedra
Nada se gasta, mas permanece
Pesado sólido que o fluido vence
Que sempre ao fundo das coisas desce
(...) Procura a ordem deste silêncio
Silêncio puro, voz de silêncio
Não só a ausência que à voz recebe"
João Cabral de Melo Neto
("Pequena Ode Mineral")*

Quando Jean-Daniel Pollet realizou **Dieu Sait Quoi** já estava afastado dos circuitos "normais" do cinema há alguns anos, depois de ter sido companheiro de viagem da Nouvelle Vague. Mas continuou a elaborar uma obra extremamente coerente e, que pelo próprio facto de nada ter a ver com o circuito comercial de distribuição, é cada vez mais pessoal. Este último aspecto é sublinhado pelo próprio Pollet, a propósito de **Dieu Sait Quoi**: *"Considero este filme como «natural» e não gostaria que o fizessem entrar em alguma categoria, fosse qual fosse. Penso que não tem verdadeiros ancestrais e que é inútil que tenha um descendente"*.

Dieu Sait Quoi é um filme um tanto impenetrável para quem não tiver algum conhecimento, mesmo parcelar e fragmentário, da obra de Francis Ponge, que por sua vez não é o mais fácil dos escritores. Obcecado com a exactidão da descrição, obcecado com os objetos ("*ce monde muet est notre seule patrie*") e tendendo à "coisificação" dos seres, buscando a palavra como objeto e como pedra, a relação entre coisa e palavra, Ponge é um escritor infilmável. Sobretudo quando se tem a atitude de Pollet, a única possível em relação a um escritor: esquecer o homem e tomar como único modelo a obra. Num artigo publicado em *La Revue Documentaire*, Gérard Leblanc pergunta: *"Que cineasta poderia se interessar pelo projeto e pela escrita de Ponge? Um cineasta que olhasse aquilo que filma como se fosse pela primeira vez"*. Foi exatamente o que fez Pollet no seu filme: as imagens tem imensa presença porque o realizador e o espectador têm a impressão de ver pela primeira vez elementos da natureza, como o mar, uma flor, folhas mortas, pedras, seixos e objetos como um pote, um aparelho de rádio, uma velha máquina

de escrever. E embora Pollet considere que este é um filme sem ancestrais, há um ancestral direto: **Méditerranée**, do próprio Pollet, cuja ideia era filmar apenas uma coisa por plano, "*encontrar imagens-signos, imagens-palavras: um plano-signo é, na sua própria essência, radicalmente diferente de um plano em que se movem uma dezena de pessoas*". Pollet nota que levou trinta anos para poder reencontrar esta liberdade, os trinta anos que medeiam entre **Méditerranée** e **Dieu Sait Quoi**.

Ao preparar este filme, em que tentaria penetrar no "*mundo mudo*" de que fala Ponge, Pollet começou por tirar centenas de fotografias, sem escrever um argumento antes de chegar à mesa de montagem. Neste caso, o filme foi literalmente feito na montagem, embora o "argumento", a construção já tivessem tomado forma na rodagem. As quatro estações e os quatro elementos servem de pontos de referência, "*pontos de gravitação*", segundo as palavras da montadora, e há uma alternância entre planos fixos e planos que são construídos unicamente por *travellings*, alguns laterais em vaivém, outros circulares, à volta de uma mesa em que estão dispostos diversos objetos, dos quais nenhum é "inocente" ou "gratuito", nenhum foi escolhido ao acaso. Esta ossatura de puras imagens, buscando estruturas ténues, essenciais (linhas verticais e horizontais, modulação das cores), poderia, no limite, ter dispensado o acréscimo da música e, no limite, do próprio texto de Ponge, embora com um resultado que teria sido cifrado, impenetrável. Pollet tentou e conseguiu cotejar imagens suas e palavras de Ponge, sem que jamais uma coisa ilustrasse a outra, sem que jamais, nem por um segundo, estejamos diante de um recital de poesia acompanhado por imagens, um daqueles *son et lumière* de outrora. Observe-se o tom de Michael Lonsdale, perfeitamente adequado à exatidão das palavras de Ponge, palavras que buscam apenas o efeito de não terem efeito, que buscam o silêncio ("*ce monde muet*"), paradoxo e ambição últimos da poesia. A música de Antoine Duhamel, fiel colaborador de Pollet, é "*de uma incrível precisão: tudo é previsto para o quarto de segundo exato em que deve acontecer*". Prolongando o diálogo com a obra de Ponge, que em última análise seria uma espécie de espelho da sua própria obra, Pollet faz com que trechos da sua obra anterior atravessem este filme, nas sequências do interior da casa (a sua casa), em que a câmara varre uma sala, em constantes e lentos *travellings*, que passam diante de um aparelho de televisão em que aparecem trechos de **Méditerranée**.

Eis, por conseguinte, um filme que busca mostrar o que já vimos como se nunca o tivéssemos visto, que busca a essência das coisas e a essência do cinema. E que encontra o que busca. Um filme-ilha, numa obra que também é uma ilha.

Antonio Rodrigues